

Músicos - alfaiates e sapateiros

As três oficinas onde trabalhavam os sapateiros, Eugénio, Francisco e o alfaiate Diamantino Monteiro eram espaços de tertúlias e divagações musicais. Todos eles na sua arte eram também músicos empenhados nas bandas da terra contribuindo para que a música fosse tema de conversa no despertar de sensibilidades e conquistas. Aqui, paravam pessoas a pé, de bicicleta, de burro ou a cavalo que entrando numa qualquer oficina procuravam a revelação de uma confidência, saber uma notícia, um comentário, um conselho para uma relação matrimonial difícil, ou até uma receita de ocasião para uma doença ou maleita...não, não saiam desiludidos porque os três mestres raramente deixavam de dar uma resposta adequada.

Cada oficina tinha à entrada uma gaiola com pássaros, normalmente canários ou periquitos. Por vezes confundiam-se os gorjeios da passarada com os assobios dos circundantes. Ali, naqueles pequenos espaços, tudo habitava sob a aura da felicidade. Em frente das oficinas, depois da estrada, o pintor Mio caiava a casa da senhora Libânia. O artista exibia-se em redobrados assobios, inspirado nos cantadores das gaiolas ou mesmo nas bonitas melodias da época.

As mulheres passavam na estrada quase sempre com um filho ao colo, outro pela mão e um outro ainda, o mais velho, atrás a brincar à corda ou à macaca. De vez em quando havia protestos com palavras mal cuidadas, autênticas blasfêmias inofensivas a que os filhos já não davam importância. Com o monco vivo no nariz, a canalha seguia o seu caminho às ordens guerreiras da progenitora.

Em meados do século passado, as cantigas passavam de boca em boca, usadas nas mais variadas expressões. A música era um verdadeiro enlace na relação social das pessoas. Ela era cantarolada, assobiada, trauteada num interminável carrocel de alegria e ressurreição. À frente das oficinas havia também zaragatas provocadas pelo vinho, ou pela frustração emocional, quando o clube do coração perdia ou então pela miséria estampada nos rostos. Mas... tudo se resolvia. E como sino tocando a rebate para um incêndio, as pessoas acudiam serenando os ímpetus dos desordeiros...

O povo amava as subtilezas da música e facilmente se perdia na serenidade dos sons que o envolvia em espírito solidário.

Retenho hoje na minha memória espantada, uma velhinha embrulhada num xaile, cansada da miséria e que murmurava sozinha: " tudo se acaba na cova." Enquanto isso, a pobre limpava a lágrima, triste, seca e magoada.

As fragas no Porto da Veiga revestiam-se de musgo e aí, a natureza derramava-se em perfumes que simplesmente inebriavam. O balbucio monótono de grilos e de ralos, coloria de poesia todo um quadro de singular ruralidade.

Em Mateus não havia ave sem vontade de cantar, ramo despido de flor ou rapariga que não fosse formosa. O sol que nascia nos Fundegos era um cântico de festa, um hino de glória e louvor.

A gente ganhava a terra com o suor no rosto, mãos cansadas e calosas. Bandos de homens e mulheres povoavam as vinhas no Conde. Trabalhavam, suavam, praguejavam. Outros habitantes eram mais felizes através das cantigas das mulheres e dos assobios melodramáticos dos homens. Na jorna falavam uma linguagem brejeira, sem filtros. As mulheres faziam de conta que não percebiam, ao mesmo tempo que iam imaginando as delícias fantasiosas de um amor que almejavam experimentar. Outras, pela matreirice dos olhares denunciavam um conhecimento deleitoso da matéria...

As paisagens deliciavam a vida das pessoas. Os mais bonitos postais vinham dos píncaros nevados da Serra do Marão e do luar nostálgico e distante dos meses de janeiro e agosto.

Só a música precipitada na singularidade de cada um, sacralizava o espírito do povo. E o eco em cada ressonância transmitia-se a todas as casas. Como numa grande catedral, os sons replicavam por todos os lados temperando cada nicho, cada pequena respiração. Mateus era assim um santuário onde a música inspirava a vida de cada um.